Diálogos de físicos: medicina tradicional e a medicina erudita no teatro de Gil Vicente (c.1465-1537?)

Physicists' dialogues: traditional medicine and scholarly medicine in Gil Vicente's theater (c.1465-1537?)

DENISE ROCHA*

Resumo: O estudo tem como finalidade delinear as práticas da medicina popular e da medicina erudita do século XVI, baseada em Empédocles, Hipócrates, Aristóteles, Galeno e Ptolomeu (teoria dos humores (fluidos) do homem (sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra), que eram ensinadas nas universidades de Lisboa, Coimbra e Salamanca e que são mencionadas no *Auto dos Físicos* (1524?), de Gil Vicente (c.1465-1537?), com destaque para a melancolia.

Palavras-chave: Gil Vicente, *Auto dos Físicos*, medicina, melancolia

Abstract: This study was carried out to describe the practices used by popular medicine and by scholarly medicine in the 16th century, based on Empedocles, Hippocrates, Aristotle, Galen, and Ptolemy (theory of humors (fluids) of Man (blood, phlegm, yellow and black bile), taught at the universities of Lisbon, Coimbra and Salamanca and which were mentioned in *Autos dos Físicos* (1524?), by Gil Vicente (c.1465-1537?), concerned melancholy.

Keywords: Gil Vicente, *Autos dos Físicos*, medicine, melancholy

* Pós-Doutoranda na Universidade Federal do Ceará.

Introdução

A questão da saúde foi tema de muitas peças teatrais¹ de Gil Vicente (c. 1465-1537?), poeta, dramaturgo, ator, encenador, diretor e ourives. A melancolia aparece não somente no *Auto dos Físicos*, como também na *Nau de amores*, no *Auto da Festa* e no *Auto da Barca do Purgatório*.

No artigo *Gil Vicente e a dermatologia*, o médico L. Garcia e Silva, membro do Serviço de Dermatologia e Venereologia do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, comenta que:

[...] as dermatoses parasitárias são frequentemente mencionadas, possivelmente pela sua elevada prevalência, por inspirarem alguma repulsa mas não temor, por não estarem sujeitas a interdições éticas e religiosas como as doenças sexualmente transmitidas e por se prestarem magnificamente a intuits injuriosos e de ridicularização, correntes na época e preciosos para o comediógrafo. (SILVA, 1985, p. 259)

No *Auto dos Físicos*, Gil Vicente apresenta “uns graciosos amores de um clérigo” (VICENTE, 1955, p. 97), Padre João Calado, que por causa de um desejo contrariado, desenvolve sintomas psicossomáticos e melancolia, bem como delinea a relação médico-paciente: de um lado, a tradição da terapêutica popular, utilizada pela curandeira Brasia Dias e de outro, a linha terapêutica erudita, baseada na tradição grega e arabista, praticada pelos mestres Felipe, Anrique e Fernando e pelo físico Torres, personagens históricas da corte de D. João III (reinado nos anos 1521-1557),² que aparecem caricaturadas na peça teatral.

Na práxis medicinal em Lisboa no início do século XVI, durante o reinado joanino, bem como no *Auto dos Físicos*, os quatro médicos trabalhavam com os diagnósticos e prognósticos baseados na medicina da época (teorias de Empé-

¹ *Auto da Índia* (1509), *Auto dos Quatro Tempos* (1511 ou 1516), *Auto do Velho da Horta* (1512), *Quem tem farelos?* (1515), *Auto da Barca do Inferno* (1517), *Auto da Barca do Purgatório* (1518), *Comédia da Rubena* (1521), *Pranto de Maria Parda* (1522), *Auto dos Físicos* (1524?), *Frágoa d’Amor* (1524), *Templo de Apolo* (1526), *Pastoril da Serra da Estrela* (1527), *Clérigo da Beira* (1529), *Triunfo do Inverno* (1529) e *Romagem de Agravados* (1533).

² A Universidade de Lisboa foi transferida para Coimbra, em 1537, e foram introduzidas as cadeiras de cirurgia e de anatomia em cadáveres humanos (RODRIGUES; FIOLEHAIS, 2013, p. 443).

docles, Hipócrates, Aristóteles, Galeno e Ptolomeu), ensinadas nas universidades de Lisboa, Coimbra e Salamanca, que se baseavam na teoria dos humores (fluidos): sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. Segundo tal teoria, os fluidos desregrados do corpo causavam a doença. Tais ligações tinham origem na teoria aristotélica dos elementos (ar, água, fogo e terra), os quais se conectavam entre si por cada uma de suas qualidades (quente e úmido, frio e úmido, quente e seco e frio e seco), respectivamente.

Na peça teatral, escrita em 1524?, Gil Vicente enfatiza ainda a prática da astrologia médica exercida pelo físico Torres, uma concepção vigente na medicina europeia do século XVI: o poder dos planetas e das constelações (a relação entre astros e estrelas) em cada parte do corpo, juntamente com as estações do ano e a idade do paciente que eram conectadas com os signos do zodíaco, regentes de certas partes do corpo, indicando a terapêutica a ser seguida.³

Protagonista do *Auto dos Físicos*, João Calado, na tradição da profissão religiosa, viveu pela sua comunidade, dedicado aos ofícios divinos, ao coral, às quermesses, às visitas domiciliares aos paroquianos, ao confessionário e à busca de soluções para problemas gerais. Na maturidade, ele se individualiza, começa a pensar em si mesmo e em seus sentimentos e, durante uma missa, avista uma paroquiana, Blanca Denisa, lavadeira solteira e honesta que vive protegida pela mãe, tia e irmão. O clérigo desenvolve uma paixão obsessiva pela jovem, que procura seduzir por meio de envio de cartas e recados, levados pelo seu pajem, sem sucesso algum. Sua exaltação era juvenil, pois tinha sempre seguido os proferidos votos de castidade, e a rejeição da pretendida adquiriu para si uma dimensão imensa, já que ele, como líder espiritual e social, era o centro de atenção de sua comunidade e, de repente, fora rebaixado à condição mundana por uma simples trabalhadora. Arrasado, ele se recusa a comer e fica no leito, desenvolvendo um estado de melancolia, por causa da constatação da rejeição radical da amada, Blanca Denisa, que será estudado segundo Freud.

³ O uso de plantas medicinais, oriundas de outras terras, e estudadas pelo médico e botânico português Garcia de Orta (1501-1568), além das mezinhas preparadas pela curandeira Brasia Dias com ingredientes nativos e dietas específicas, são mencionadas na peça teatral que foi objeto de censura do Tribunal do Santo Ofício.

1 - A melancolia (Freud)

No ensaio *Luto e melancolia* (1917), Sigmund Freud (1856-1939) aborda, a partir da perda, a natureza do luto e da melancolia e suas afecções psíquicas. Para o autor:

Na melancolia, a perda desconhecida terá por consequência um trabalho interior semelhante, e por isso será responsável pela inibição que é própria da melancolia. Mas a inibição melancólica nos parece algo enigmático, pois não conseguíamos ver o que tanto absorve o doente. O melancólico ainda nos apresenta uma coisa que falta no luto: um extraordinário rebaixamento de autoestima, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu. (FREUD, 2010, p. 175-6)

O enfermo melancólico sofre um tipo de luto, por causa da rejeição do ser amado, padece de queda na autoestima (sentimento de si) e no desejo sexual:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal -a libido a ser retirada desse objeto e ser deslocada para um novo-, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetual demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá, ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pode ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. (FREUD, 2010, p. 180-1)

O paciente sente dor, tem desânimo e apatia, bem como desenvolve “[o] auto-martírio claramente prazeroso na melancolia”. (FREUD, 2010, p. 184)

Em *Rascunho E* (1894), Freud afirma que o mecanismo da melancolia pode ser produzido pela acumulação da tensão erótica psíquica:

Com frequência muito especial verifica-se que os melancólicos são anestésicos. Não tem necessidade de relação sexual (e não tem a sensação correlata). Mas têm uma grande anseio pelo amor em sua forma psíquica -uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer. Nos casos em que esta se acumula e permanece insatisfeita, desenvolve-se a melancolia. Aqui, pois, poderíamos ter a contrapartida da neurose de angústia. Onde se acumula tensão sexual psíquica - melancolia. (FREUD, 1996, v. 1, p. 237)

O estado da mente melancólica de padre João Calado, que por causa do desejo contrariado, padece de disfunção da bÍlis negra, acentuada pela regência de Saturno, abordado por Gil Vicente, reflete a teoria e a práxis médica da época baseada nos ensinamentos de tradição grega e árabe.

2 - A medicina europeia no século XVI

No século XVI, predominavam práticas medicinais, oriundas da antiguidade greco-romana: As teorias e reflexões de Empédocles, Hipócrates, Aristóteles, Galeno e Ptolomeu, que embasaram a teoria dos humores (fluidos corporais causadores de enfermidades), foram traduzidas para o árabe e difundidas na Europa medieval por meio da obra de Ibin Sina (Avicena), *Canon* (cerca 1020), que influenciou a formação da medicina europeia até o Renascimento.

2.1 - A teoria dos humores

A concepção geocêntrica do cosmos, elaborada por Empédocles de Agrigento (490-430 a.C.) argumentava que tudo que existia abaixo da esfera da lua (mundo sublunar) estava sujeito à corrupção e à morte, bem como era formado por quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo (SALVADO, s.d., p. 21).

Hipócrates (c.469-370 a.C.), considerado pai da medicina moderna, incorporou conhecimentos de astrologia de Empédocles, em sua obra médica *Corpus Hippocraticum*. Ele fundamentou sua prática na teoria dos quatro humores corporais - o sangue, o fleugma ou pituíta, a bÍlis amarela e a bÍlis negra-, os quais,

conforme quantidade existente no corpo humano, levariam a estados de equilíbrio (eucrasia) ou a doença ou dor (discracia) (HIPÓCRATES, s.d., *on-line*).

Os cientistas Hipócrates e Empédocles defenderam o princípio da “força curadora da natureza”, e baseavam seus tratamentos em purgativos suaves, sangrias moderadas, caminhadas, massagens, ginástica, ar fresco, alimentação balanceada e banhos medicinais, com a finalidade de restabelecer o equilíbrio físico, mental e emocional (CARVALHO; PEREIRA JR, 2008, p. 36).

Hipócrates estabeleceu que os tipos dos humores (fluidos) eram regidos pelos elementos que compõem a natureza: fogo, terra, ar e água. No século IV a. C., Filistion de Locri associou cada um desses elementos a uma qualidade ou força. Aristóteles (384-322 a.C.) acrescentou a eles duas propriedades específicas: a terra era fria e seca; o fogo, seco e quente; a água, fria e úmida; e o ar, frio e seco (SALVADO, s.d., p. 21).

Claudio Galeno de Pérgamo (c. 129-217 d.C.) estabeleceu o antigo humorismo e ressystematizou a combinação dos quatro humores com as quatro qualidades: o sangue é quente e úmido; a fleuma, fria e úmida; a bÍlis amarela é quente e seca, e a bÍlis negra é fria e seca. A teoria da patologia humoral de Galeno alicerçou a fisiologia e a patologia humoral (GALENO, s.d., *on-line*) e desapareceu na medicina europeia somente com a introdução da *Patologia Celular*, de R. Virchoux, no século XIX.

2.2 - A Medicina, a Astronomia e a Astrologia

A astronomia médica, desenvolvida por Claudius Ptolomeu (c. 90- 168 d.C.), um cientista grego que viveu em Alexandria, Egito, é tema da obra *Tetrabiblos*, um dos mais importantes livros de astrologia, baseado em documentos e escritos babilônicos, gregos e egÍpcios. Para Ptolomeu, os padrões de comportamento eram influenciados pelos planetas e estrelas, bem como a estatura, a cor da pele e até mesmo as deformações físicas. (PTOLOMEU, s.d., *on-line*). A obra ptolomaica, que expressava a influência dos astros sobre o corpo humano e se tornou um clássico das doutrinas do geocentrismo na Idade Média e no Renascimento, esclarecia que:

O grau do signo afectado pelo dano indica o órgão do corpo em que ocorre o dito acidente; ou se aquilo que ocorre no órgão é infecção ou enfermidade ou ambas. Porém, a qualidade do planeta indica o modo da sua influência.

Organicamente Saturno governa o ouvido direito, o baço, a bexiga. Júpiter, o tacto, o pulmão e as costelas. O Sol, a vista, o coração e o ombro. Marte, o ouvido esquerdo, os rins e os membros viris. Vénus, o olfacto e o fígado. Mercúrio a fala, o pensamento e a língua. A Lua, o gosto, o estômago, as partes femininas e todos os órgãos do lado esquerdo. (PTOLOMEU *apud* SALVADO, s.d., p. 21).

Marie Geberg e Monique Mainé, na obra *Cozinha astrológica*, destacam que o estudo do ser humano, no aspecto astrológico, possibilita o conhecimento da sua natureza, suas predisposições para certas doenças e desregramentos. Estes devem ser tratados com a fitoterapia, segundo a qual, cada planta é regida por um signo ou um planeta, e a homeopatia está vinculada ao céu, pois o corpo é composto por doze saís, cada qual corresponde a uma parte do zodíaco e a um astro (Fig. 1). Nesse contexto, a alimentação e dietas dependem do signo zodiacal do paciente que tem relações com certos elementos que indicam o que lhe faz bem e mal (GEBERG; MAINE, s.d., *on-line*).

Fig. 1- Corpo presidido pelos signos do zodíaco, indicando a terapêutica a ser seguida.

As partes do corpo não deveriam ser sangradas quando estivessem sob o domínio do signo correspondente.

O legado da Astrologia na Medicina, desde as suas origens e sua permanência no Renascimento europeu é tema do artigo *A Astrologia em Portugal no Século XVI*, de Adalgisa B. Costa, que explica:

Nas universidades, a astronomia e a astrologia eram ensinadas lado a lado. Antes de ser ensinada na universidade portuguesa, a astronomia já era ensinada há muito tempo em Toledo e, posteriormente, em Salamanca. O seu estudo servia de base à astrologia judiciária e à astrologia médica, que tinham grande importância desde a Idade Média. (COSTA, s.d., on-line).

Marcelo P. de Paula esclarece, em *A Doutrina Astrológica dos Temperamentos*, que:

A tipologia de Hipócrates ficou universalmente conhecida ao determinar a distribuição dos seres humanos nos seus tipos humores e com esta proposta definiu os clássicos: melancólico, colérico, sanguíneo e fleumático. (PAULA, s.d, on-line).

3 - O Auto dos Físicos: dois tipos de terapêuticas

As práticas da medicina erudita do século XVI, baseadas em Empédocles, Hipócrates, Aristóteles, Galeno e Ptolomeu (teoria dos humores – fluidos – do homem: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra), acima mencionadas, que eram ensinadas nas universidades de Lisboa, Coimbra e Salamanca, estão refletidas nos diagnósticos e prognósticos dos médicos da peça vicentina.⁴

⁴ António José Saraiva, no Prefácio de *Teatro de Gil Vicente*, enfatiza que: “O teatro vicentino é, pode-se dizer uma criação original de Gil Vicente a partir de elementos tradicionais dispersos legados pela Idade Média”. (SARAIVA, s.d., p. 10). Influenciado por Juan del Encina (c. 1448-1563), Gil Vicente escreveu diversos autos pastoris: *Monólogo do Vaqueiro* (1502), *Auto Pastoril Castelhana* (1502), *Auto dos Reis Magos* (1503), *Auto de São Martinho* (1504), *Auto da Sibila Cassandra* (1509), *Auto de Fé* (1510), *Auto Pastoril Português* (1523), *Diálogo sobre a Ressurreição*, *Breve Sumário da História de Deus* (1526), *Mistérios da Virgem ou Auto de Mofina Mendes* (1532) e *Auto da Cananéia* (1534). Por causa das virulentas críticas de Martin Luther ao Catolicismo romano, Vicente iniciou, no ano de 1517, a Trilogia das Barcas - *Auto da Barca do Inferno* (1517),

Organizado em quadros, o *Auto dos Físicos*⁵ tem a duração de pouco mais de dez dias nos quais a curandeira Brasia e os médicos se revezam na residência do clérigo, enfermo por causa da rejeição da lavadeira Blanca Denisa. Inconformado com o desprezo da moça, enojada pelas propostas indecentes do padre, o mesmo envia a ela recados por meio do criado Pero, e no final deseja morrer.

Encenada no dia 9 de fevereiro de 1524 (PALLA, 2005, p. 229), a peça de Gil Vicente, que tem como protagonista um padre apaixonado,⁶ parodia o comportamento de quatro médicos da corte e da nobreza - Felipe, Fernando, Anrique e Torres - que viveram nos reinados de D. Manuel (anos 1495 a 1521) e de D. João III (1521 a 1557): Mestre Felipe, físico e professor da cadeira de Astronomia (relação com a Medicina) nos Estudos Gerais de Lisboa; Mestre Fernando, médico do Marques de Vila Real; Mestre Anrique, físico, e Mestre Tomás de Torres, professor do príncipe João, futuro D. João III, lente de Astrologia e Matemática nos Estudos Gerais de Lisboa. Torres examinou o físico Luís Mendes que é mencionado no *Auto dos Físicos*, assim como Mestre Gil e Nicolau Coronel, médico da rainha D. Maria. (FREIRE, 1944, p. 91-93; 97-98 e 95).

Auto da Barca do Purgatório (1518) e *Auto da Barca da Glória* (1518)- e concluiu o *Auto da Alma* (1518). João D. Maia, no artigo *Gil Vicente: crítico e atual*, comenta a respeito da ampla galeria de personagens: “Seu teatro, essencialmente moral e social, é marcado pela intenção crítica. O riso, a sátira e os gracejos tinham um endereço certo: o público que assistia as encenações e que acabava por rir de si mesmo, sem que, por cegueira ou vaidade, se reconhecesse, mas certamente vendo nos quadros o companheiro ao lado, o magistrado, o clérigo da aldeia, o bispo, os nobres da corte e dezenas de tipos com os quais convivia ou aos quais conhecia na sociedade da época” (MAIA, 1999, p. 5).

⁵ Paul Teyssier, em *Gil Vicente: O autor e a obra*, afirma: “Esta farsa é, acima de tudo, uma obra satírica. Gil Vicente ataca os costumes dissolutos do clero, os excessos da retórica amorosa e os ridículos da medicina e dos médicos” (TEYSSIER, 1982, p. 78).

⁶ Gil Vicente focaliza em sua obra, de forma ácida e, às vezes, virulenta, parte do clero - desde os mais altos dignatários até o frade de aldeia, que não seguia os Dez Mandamentos, cometia os Sete Pecados Capitais, com destaque para as paixões mundanas. O único frade apresentado com um perfil condizente com sua vida religiosa aparece na *Comédia do Viúvo* (1524) na função de consolador.

3.1- O amor reprimido do Padre João Calado, a doença psicossomática e a melancolia

Largado em uma cama, o religioso recebe visitas de Brásia e de quatro médicos da corte que não conseguem diagnosticar a causa psicológica do seu padecimento (sociologia da saúde). Melancólico, aos poucos, ele definha e, por não conseguir viver seu amor em plenitude - espiritual e sexual - e nem ter a cura física, com os tratamentos prescritos pela curandeira e pelos doutores, padre João Calado busca um confessor. A peça termina com um grupo que entoia canções populares sobre amores dissolutos - Pero Pinhão, frei João e Perico - e evoca festas de Maio e de São João.

Em contraposição aos profissionais eruditos, Vicente coloca na sua peça uma curandeira, Brásia Dias, que, com sua arte de sanar enfermidades e aliviar envios de “quebrantos”, usa mezinhas e dietas. Com tais procedimentos, ela sinaliza a importância de pessoas dotadas de saberes na área da medicina popular com grande alcance de clientes.

3.1.1 - A terapêutica popular de Brásia Dias

O primeiro quadro expõe o argumento: a coita de amor do padre João que tem diversas fases: “inibição melancólica”, “rebaixamento de autoestima”, “enorme empobrecimento do Eu”; “tensão erótica psíquica” e “auto-martírio claramente prazeroso”, terminologias segundo Freud.

Antes de rezar a missa, o religioso, falante de espanhol, planeja enviar seu pajem Perico (Moço), para entregar uma carta para Denisa, que já o tinha ameaçado com bofetadas, caso ele retornasse com mensagens do religioso atrevido e rejeitado que sofre “inibição melancólica” (FREUD, 2010, p. 175).

Moç. Dizê vós misa primeiro.

Clé. Cuerpo de Dios com la misa,

Y com el mozo y com la prisa.

Moç. Creio que vosso salteiro.

É esta Blanca Denisa.

(VICENTE, 1955, p. 100)

O serviçal diz que a paroquiana seria o “salteiro”, a oração do padre, que faz uma súplica ao deus do amor, rogando para aplacar a “real ofensa ou decepção” (FREUD, 2010, p. 180):

Clé. Ó Cupido mi señor,
in te speravi e espero,
pues testigo eres que quiero
á ti por mi valedor
neste mal de que me muero.
Suave eres llamado,
Amor blando y aplacible
Ayuda á este cercado
De tormenta y tan horrible.
(VICENTE, 1955, p. 101)

Furiosa, a jovem, ao receber uma nova carta, xinga o religioso de “clérigo ex-comungado” e “triste demoninhado”. E ao receber mais uma rejeição, padre João murmura:

Clé. Cúbreseme el corazon,
Y la sangre se me yela;
Y pues no hay quien se duela
De mi triste perdicion,
Moço venga la candela. [...]
Nel infierno diré misa. [...]
Ay, ay, ay desamparado!
Trae la candela á prisa.
(VICENTE, 1955, p. 104)

Sentindo o sangue gelar nas veias que desaba em uma nova fase de “inibição melancólica” e constatando a falta de compreensão de outros pela sua “perdição”, pois é um religioso que fez voto de castidade, o amante rejeitado sabe que será julgado para queimar no inferno e pede a vela para que possa se despedir da vida em um estado de “rebaixamento da autoestima” e “enorme empobrecimento do Eu” (FREUD, 2010, p. 175 e 176).

Desesperançado e exausto, ele recebe a visita de Brásia Dias que diagnostica a causa da fraqueza como friagem sentida, pois o paciente tinha dormido descoberto e o umbigo, um dos orifícios do corpo, tinha ficado enfermo. A curandeira o aconselha a usar uma telha aquecida para aumentar a temperatura do corpo, além de outras medidas como a fricção das nádegas e:

Brá. Tomai ora um suadouro
de bosta de porco velho,
e com unto de coelho
esfregai o pousadeiro,
e crede-me de conselho.

(VICENTE, 1955, p. 105)

O mau-olhado ou o quebranto, isto é, o envio de forças negativas para “acabar” com o padre, foi uma das possibilidades também cogitada por Brásia no diagnóstico do padre. Como alternativa para acabar com as energias negativas alheias, ela orienta o preparo de uma pomada para passar no cotovelo:

Brá. E se de quebranto for,
tomade o incenso belo,
e o sumo do marmelo,
e as favas de Guiné,⁷
e untai o cotovelo. [...]

(VICENTE, 1955, p. 105)

Perico, ao observar os diagnósticos de Brásia, a aconselha a refletir sobre o envolvimento indireto de Denisa, como causa do péssimo estado físico-psicológico do amo. Atônita, ela não leva a sério a sugestão, pois nunca poderia pensar que o respeitável religioso pudesse se envolver em amor carnal. Admite ser “cadarrão” (catarro no peito) e receita alimentos quentíssimos:

Brá. [...] comei caramujos quentes,

⁷ O unguento sugerido contém incenso belo, suco de marmelo (fruta) e favas, cujos grãos são considerados afrodisíacos (JORGE, 1991, p. 9).

como sairem ferventes,
e mexilhões vos cozerão,
porque são aqui parentes.

(VICENTE, 1955, p. 106)

Brásia diagnosticou a friagem como a causa da enfermidade de João Calado e propôs uma medida para o combate do “mau-olhado” e três outras para aquecimento do corpo: a telha quente, o uso de unguentos, a ingestão de crustáceos ferventes e o suco de uva aquecido, ideal para cólica proveniente de desinteria:

Brá. E se for cóleca passa,
que nasce das bandarrinhas,
tomai do sumo das vinhas,
e acolá a sopa na braza,
então ferver as mézinhas.

(VICENTE, 1955, p. 106)

Em sua terapêutica popular, como forma de diagnóstico e de prognóstico coletivos, a curandeira sugere ao paciente fazer reflexões sobre qual seria a causa de sua doença, pois ele mesmo poderia escolher as prescrições e iniciar o tratamento. Aflita para ir embora, por causa de uma diarreia, Brasia aconselha o padre a se alimentar melhor. Mas ele fica cada vez mais melancólico:

Clé. Ay, ay, ay triste de mí!
Porqué la muerte no viene?
Suéltela quien la detiene;
Venga y lléveme de aqui,
Que el vivir no me conviene. [...]
Venga y cure de mí,
Pues mil mal no tiene cura.

(VICENTE, 1955, p. 106-7)

Sensibilizada, ela diz: “Compadre, fazê por comer, e curai de vossa vida”. Mas padre João não quer mais viver:

Clé. Es muy claro y descubierto
á los tristes de mi suerte,
que el morir es su conorte;
porque la vida del muerto
no está sino em la muerte.

(VICENTE, 1955, p. 107)

3.1.2- A terapêutica erudita⁸

Na Europa do século XVI, a medicina trabalhava segundo a teoria dos humores (fluidos) do homem (sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra).

Mestre Felipe (médico do sangue)

Ao novo profissional, o padre clama: "Venga y cure de mí,/ pues mil mal no tiene cura". Na base da brincadeira Mestre Felipe diz: "Deus vos salve! Quem está aqui?/ Ora andar, são paixões", sem saber que a enfermidade tinha como causa um amor rejeitado. Segundo a teoria dos humores, ele informa-se a respeito do início da doença e indica uma bebida para desobstruir o intestino: "cristel de água de cevada/ com farelos mesturada" e uma leve dieta de "alface esparregada". (VICENTE, 1955, p. 107-8). Brásia explica que padre João jejuava desde sábado, e acredita que seria melhor se o paciente ingerisse o que ela já preparou "Cabeças d'alcupeto" e acrescenta:

Brá. E se isso não quiser,
cuidava eu de lhe fazer

⁸ Segundo a tradição da medicina europeia do século XVI, oriunda da matriz greco-latina (teorias de Empédocles, Hipócrates, Aristóteles, Galeno e Ptolomeu), os médicos aferiam o pulso, prescreviam purgativos, sangrias e alimentação balanceada. Além disso, eles recomendavam a uroscopia: Um procedimento que vigorou até o século XVII, consistia na visualização de características macroscópicas da urina do enfermo, que era colocada em recipientes adequados, a fim de auxiliar no diagnóstico.

apisto de pé de boi,
 pera não enfraquecer;
 e um pouco de manjar branco
 de posperna de veado,
 e pescoço de bode assado.
 Assi curei eu João Franco,
 e anda são, Deus louvado.

(VICENTE, 1955, p. 109)

Diante de tal refeição, o padre diz: “Ay que no sé donde estoy!” (VICENTE, 1955, p. 109).

Um alimentação frugal - alface cozida -, bem como um clister de cevada e farelos foram receitados pelo mestre Felipe, enquanto que Brasia oferecia uma dieta de carnes, capaz de restabelecer as forças do religioso: cabeças de peixe, caldo de mocotó, manjar branco com coxa de veado e pescoço de bode. Assustado, o médico estabelece um novo diagnóstico - “essa febre é velhaca,/ procede da cardíaca”- (VICENTE, 1955, p. 109) e aconselha:

M. F. Faça ele embora as ourinas,
 e pola menhan eu virei...
 Entendeis? - e vos direi...
 Entendeis? - se são sanguinhas.
 Entendeis? - Então virei.

(VICENTE, 1955, p. 109)

Padre João não está prestando atenção, tem pensamentos somente para a amada: “Oh Denisa! oh mi señora!/ Como me tienes lastimado!” (VICENTE, 1955, p. 110), revelando uma “tensão erótica psíquica” (FREUD, 1996, p. 237). Segundo o médico, sua urina vai ser examinada para constatação de “sanguinhas” e dessa forma verificar o tratamento adequado. O doutor repete várias vezes suas recomendações, para ver se Brásia o entende de fato:

Brá. E dar-lhe ei eu puro o vinho?
 M.F. Guarde-nos Deos de mal!
 Não, senão água tal.

Entendeis? — cozida com rosmaninho.

Entendeis? Não façais al.

Ora ficai-vos embora.

Entendeis? Eu terei cuidado,

e ponde-vos a bom recado.

(VICENTE, 1955, p. 110)

Mestre Felipe, irritado com a curandeira, que receita comida pesada e vinho, pede o seu afastamento, temendo ter seu tratamento prejudicado pelas intervenções dela. Receita água com rosmaninho e se retira.

Mestre Fernando (médico da fleuma)

O segundo doutor assusta Brasia, pois ele é cirurgião e Padre João não tem ferimentos físicos. Ele explica que seus pares o chamam de “sudeste” e de “vento assomado”, porque anda com o “gorgomilo” levantado e parece estar “espeta-do”. E pergunta se ele estaria dormindo bem:

M.F. De que vos sentis?

Mostrai esse braço cá.⁹

Isto procede dos rins,

ou pulso cordiz será.

Mijastes no ourinol,

que vos faça boa prol?

(VICENTE, 1955, p. 112)

Ao consultar o pulso, mestre Fernando fica em dúvida se o paciente tem doença renal ou perigo de apoplexia e, por isso, apela pela observação da urina: “Pois sem isso quem saberá/Se he da chuva, se do sol?” (VICENTE, 1955, p. 112). Confuso sobre os causadores da doença - umidade ou quentura, o médico con-

⁹ Conforme Garcia de Orta em *Colóquio simples e drogas e causas medicinais da Índia* (1563) “pelo pulso verificam a febre, se está fraco ou rijo, e qual é o humor que peca, se é sangue ou cólera, ou fleuma, ou melancolia”. (ORTA *apud* PALLAS, 2003, nota 30, p. 109).

clui, em latim macarrônico, que o paciente padece de excesso de fleuma (muco) e necessita de purga que é um tratamento para eliminação de impurezas do organismo:

M. F. Non es bona purgatio, amigo,
illa qui incipit cum dolores,
 porque traz flema consigo,
e illa qui incipit trarantran,
quia tranlarum est.

(VICENTE, 1955, p. 112)

Perico, que fora falar com Denisa, retorna com mais uma rejeição, e o padre suspira em estado de “auto-martírio”:

Clé. Veran como el alma se va,
 y queda el cuerpo sin vida,
 y la vida ofrecida
 á quien la muerte me da:
 y sea muy bien venida.
 Verme han el mundo dejar
 tan contento de partir, como ele de quedar.

(VICENTE, 1955, p. 114)

O doutor desaconselha Brásia a servir pastel de lebre e outras de coelho, porco, cação, congro, lamprea e tubarão, e indica a ingestão de uma dieta vegetariana:

M.F. Huns poucos de grãos torrados,¹⁰
 não sejam muito salgados.
 E amenhan eu virei cá,
 ainda que pês ós dados.

(VICENTE, 1955, p. 113)

¹⁰ Trata-se de “grão-de-bico, diurético e flatulento, era usado para aumentar a produção de esperma” (JORGE, 1991, p.16).

Mestre Anrique (médico da bÍlis amarela)

Em clima de descontração, o médico pergunta pelo dia do início da doença e canta: *“Mi amor me recordara,/ Desde entonces hasta ahora/ No hubiera quien me llamara”* (VICENTE, 1955, p. 115), enquanto observa o pulso e diagnostica cólera adusta (excesso de bÍlis amarela):

M.A. Esta fiebre es sincopal,
y la enfermedad tal.
Curase con mucho peso.
Habeis mirado? — que es mortal.

Que quando la colera adusta.
Hábeis mirado? — se enfria,
Vuélvese malenconia ...
(VICENTE, 1955, p. 116)

O mestre quer evitar uma sangria e teme que se a temperatura febril do padre se resfriar, ele poderá cair em melancolia. Preocupa-se com a dieta pesada de Brásia - quatro coelhos, chouriço e vinho tinto- e prescreve uma refeição espar-tânica:

M.A. Par dios! vos ... habeis mirado?
Estais donosa, mi parienta.
Es fiebre contínua y quente.
Habeis mirado, y bien mirado?
Errada estais en la cuenta.
Habeis mirado? No coma...

Habeis mirado, señora? —
Sino pasas por ahora [...].
(VICENTE, 1955, p. 116-7)

A teimosia da curandeira em ministrar ao paciente febril muita carne irrita o mestre Anrique, que repete “Hábeis mirado”, incessantemente. Ele recomenda

uvas passas e uma inalação com cânfora, pois o padre comeu demasiado, está opilado e necessita de uma purga (cristel) para acabar com a “fiebre podrida”, além de um violado, um laxante de violetas.

Mestre Anrique constata que o religioso ficou doente, pois: “Tiene el sol en la cabeza/ del verano que pasó” (VICENTE, 1955, p. 117). O diagnóstico soa estranho, já que a ação se passa no finalzinho do inverno, em meados de abril, isto é, muitos meses depois do final do verão.

O doutor tem dúvidas sobre sua prescrição - inalação e laxante -, mas prossegue com a indicação de outra purga (ruibarbo e canafístula, plantas da Índia), de caldo quente de borragem (planta), de uma tisana (bebida de água fervida com ervas) e de coleta de urina:

M.A. Mantenga Dios el casamiento
del Ruybarbo con aquella
muy preciosa doncella
caña fístola, que yo siento
que sereis sano con ella.
Y cocelde unas borrajas,
y su hierba de caldo caliente [...]
y hacelde una tizaña,
y yo terné dél cuidado.

(VICENTE, 1955, p. 118)

Físico Torres (médico da bílis negra)

A medicina astrológica - as relações entre planetas, constelações e partes do corpo humano, presididas pelos signos do zodíaco, que indicam a data certa para as sangrias - é a opção profissional de Torres. Ele interroga o paciente sobre o início da eclosão da enfermidade (dez dias) e conclui que: “Estava Saturno en Aries.../ Doem-vos as pontas dos pés?” (VICENTE, 1955, p. 120). A sua afirmação demonstra que ele não sabe que a cabeça é regida pelo Carneiro (Áries), e não os pés, os quais estão sob o poder de Peixes. Apesar da falta de conhecimento

efetivo sobre os movimentos dos astros e seus reflexos na saúde humana, o médico prossegue com seu diagnóstico confuso:

Tor. Bisexto é o ano agora,
em Piscis estava Jupiter,
Saturno há-de desfazer
quanto natura melhora:
bem há aqui que guarecer.
Também em Piscis a lua,
isso foi em quarta-feira;
Mercúrio à hora primeira:
Não vejo causa nenhua
pera febre verdadeira.

(VICENTE, 1955, p. 120)

Na compreensão de Torres, a harmonia criada pela posição de Júpiter em Peixes vai ser desfeita por Saturno. Ele não consegue entender a relação entre a febre e a movimentação da Lua e de Mercúrio, tampouco o efeito:

Tor. E também deste ajuntamento
dos planetas desta era...
Não sei... não sei ... mas per mera
astrologia...não sei, eu sento.
não sei que é, nem que era;
Mas há-de saber quem curar
os passos que dá hua estrela
E há-de sangrar por ela,
E há-de saber julgar
as águas numa panela.

(VICENTE, 1955, p. 120-1)

O desorientado médico pouco sabe sobre a medicina astrológica: o ajuntamento dos astros e a influência deles na terra e nas pessoas para o estabelecimento das sangrias; o julgamento das águas em um recipiente e a compreensão do movimento do pulso, entre outros aspectos.

Torres critica um colega de profissão que tem formação sólida na área de medicina astrológica: “o mestre Nicolau quer/ e outros curar a mesmo” (VICENTE, 1955, p. 121). E constata pelo batimento do pulso do paciente e pelas cores do enfermo que o mesmo teria problemas do baço e pergunta se teria dores nas costas. Torres parece não saber que Saturno, que rege o momento, tem ligação com aquele órgão e provoca a melancolia.

Maria José Palla, em *Melancolia e rituais carnavalescos na “Farsa dos Físicos”*, explica que: “O corpo do Clérigo padece de disfunção do baço. A secura provocada pela febre intensificou os humores que o levam à melancolia, à loucura e quase à morte” (PALLA, 2003, p. 104).

Pero, criado do padre, atônito com o emaranhado de reflexões e diagnósticos do físico, comenta:

Moç. Pardeu s, em grande embaraço
Vejo eu estes doutores![...] .
está a doença em Bilbao,
vós is pera Entre Douro e Minho.
(VICENTE, 1955, p. 121-2)

Brasia tinha preparado carne de vaca assada e morcela, mas o enfraquecido padre João não aceitou. Torres, porém, prescreve sangria e dieta vegetariana - lentilha, caldo de ervilha e abóbora cozida -, bem como avenca fervida com água para aplacar a febre. E reinicia seu diagnóstico inseguro e complicado:

Tor. Si ... então... s i ... logo é são.
Porém a falar verdade,
segundo seu pulso está,
e segundo os dias que ha,
e segundo a viscosidade,
e segundo eu sinto ca,
e segundo está o zodíaco,
e segundo está retrogrado
Júpiter, confessado
Há mister, que está mui fraco,
si... si... si, bem trabalhado (vai-se.).
(VICENTE, 1955, p. 122-3)

Os vários diagnósticos e prognósticos dos quatro médicos e as prescrições de alimentos saudáveis assustam o religioso que entra em agonia, clamando pela vinda do confessor a quem diz:

Clé. Á llamar os envié;
 padre, padre, confesion;
 porque me voy de pasion,
 de aqui á pouco moriré
 de dolor de corazón.
 Porque el humor radical
 de humor volvióse amor,
 de amor grave dolor, estoy mortal,
 de mortal, vivo amador.

(VICENTE, 1955, p. 122-3)

Ao falar de sua paixão desesperada por Blanca Denisa, ele ouve frei Diego desabafar que também ama em segredo e que o celibato seria contra a vontade de Deus. A interdição inicial do *Auto dos Físicos* (1524), estabelecida no *Índex de Livros Defesos*, de 3 de julho de 1551, foi realizada não somente por causa do comportamento licencioso de dois religiosos - Padre João Calado e Frei Diego - que nutrem amores ardentes por mulheres, em desrespeito às juras sacerdotais de contenção da sexualidade, mas também pela paródia de um texto sagrado e de um salmo.¹¹

No artigo *O combate entre carnaval e quaresma no Auto dos Físicos*, Maria José Palla afirma: “Gil Vicente provoca uma verdadeira batalha, sem o dizer, en-

¹¹ O *Índex* (1551), organizado pelo Tribunal do Santo Ofício (1536), era uma lista de obras proibidas pelo seu conteúdo considerado perigoso ou herético. Foi o primeiro que tinha obras em língua portuguesa. Nele foram incluídos dois novos aspectos na censura inquisitória, liderada desde 1539 pelo Cardeal Infante D. Henrique: o rigor com os sermões e traduções da Bíblia e com os livros de ficção e de teatro. Esta última medida atingiu algumas peças vicentinas, segundo Raul Rêgo em *Os índices expurgatórios e a cultura portuguesa: “O Auto de Dom Duardos ‘que non tiver censura como foy emendado’; O Auto da Lusitânia ‘com os diabos; sem êles poder-se-há empremir’; O Auto de Pedreanes, ‘por causa das matinas’; O Auto do Jubileu de Amores; O Auto da Vida do Paço e O Auto dos Physicos* (RÊGO, 1982, p. 41). No ano de 1562 foi lançada a *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* por Paula e Luís Vicente, filhos do dramaturgo, que contaram com a ajuda da rainha-regente D. Catarina, senão teria havido maiores problemas com a seleção de textos para impressão, por causa da política de interdição do Tribunal do Santo Ofício. No livro, dividida em

tre a comida gorda e a comida magra, ou seja, [...] uma batalha entre Carnaval e Quaresma, que põe igualmente em jogo, de um outro modo, um conflito entre cultura popular e cultura erudita” (PALLA, 2005, p. 235).

As diferentes avaliações dos doutores Felipe, Anrique, Fernando e Torres acerca da enfermidade do padre João Calado excluíram uma causa emocional vinculada a amor sexual contrariado que gerou melancolia. Sentimentos de tal espécie, despertados no religioso pela paroquiana Denisa, o qual tinha sublimado certas emoções ao longo da vida, o abalaram visceralmente, a ponto de desejar definhar até a morte. De vida assexuada desde a juventude, o religioso teve a sensibilidade erótica despertada na maturidade e a não vivência do contato físico com a amada o levou a um estado de melancolia. Somente o pajem Perico, que serve como mensageiro de cartas amorosas, compreende o aspecto psicossomático da enfermidade do clérigo.

Em *Los médicos del Auto dos Físicos de Gil Vicente*, o autor Stanislav Zimic considera que: “esta obra se considera a menudo principalmente como uma sátira de médicos incompetentes y tramposos, contemporâneos del autor” (ZIMIC, 1999, p. 1).

Conclusão

No *Auto dos Físicos*,¹² uma peça teatral de caráter satírico mordaz, Vicente (c. 1465 -1537?) aborda duas perspectivas da medicina europeia no século XVI, em relação ao tratamento dispensado ao padre João Calado, um doente melancó-

cinco partes, aparece uma classificação do teatro vicentino: “cousas de devaçam”, “comedias”, “tragicomedias”, “farsas” e “obras meudas”. Na obra geral do dramaturgo da corte foi incluída “a farça chamada Auto dos Físicos, na qual se tractão huns graciosos amores de hum clérigo” (VICENTE, 1834, t. 3, p. 300).

¹² No artigo *Linguagem e poder no teatro de Gil Vicente*, Flávia Maria S. Eyler esclarece que: “No *Auto dos Físicos*, há o desenrolar de cinco possibilidades que se entrelaçam em torno de um só acontecimento. O clérigo doente ocupa o centro do auto. A indeterminação de sua doença é motivo para o exercício das relações possíveis entre a sintomologia e seus remédios correspondentes. Porém, não há nada que garante o acerto entre o diagnóstico e seu remédio. A autoridade que determinava as diferenças entre os médicos era apenas nominal e Gil Vicente deixa isso muito claro. A questão da doença do corpo revela-se no corpo da própria linguagem. As práticas médicas ainda que aproveitassem o saber das tradições populares, introduziam esse saber num complexo sistema de analogias e identificações” (EYLER, 2014, p. 172).

lico: de um lado, Brásia e seus saberes e práticas, baseados nos conhecimentos tradicionais de mezinhas, nutrição e psicologia popular, adquiridos no cotidiano; e de outro, os médicos da corte - Felipe, Fernando e Anrique - e seus exames apoiados em ensinamentos de tradição grega e árabe. Torres seguia a linha da astrologia médica. Padre João Calado vai sendo diagnosticado sucessivamente pelos quatro humores - o sangue (Mestre Felipe), a fleuma (Mestre Fernando), a bÍlis amarela (Mestre Anrique) e a bÍlis negra - melancolia (Físico Torres).

O paciente, um religioso no outono da vida, é rejeitado por Denisa, uma paroquiana devota, que sente repulsa diante das investidas dele. A recusa da amada significa para ele a perda de suas ilusões no aspecto psicológico e físico e o leva a um estado de melancolia profunda e a preferir a morte.

A análise da coita de amor foi analisada, segundo as terminologias do ensaio *Luto e melancolia*, de Freud: “uma real ofensa ou decepção vindo da pessoa amada” - Blanca Denisa - enfraquece padre João de tal modo que ele cai no leito, imerso na “inibição melancólica”, atinge “um extraordinário rebaixamento de autoestima, um enorme empobrecimento do Eu” (FREUD, 2010, p. 175/180); o seu estado de melancolia por causa de duas rejeições iniciais o leva a insistir, mesmo sabendo que não conseguiria nada positivo, o que provoca um acúmulo de “tensão erótica psíquica” (FREUD, 1996, p. 237) que o leva a proclamar seu “automartÍrio claramente prazeroso” (FREUD, 2010, p.184), já que comunica que quer morrer, rogando por um confessor, a fim de receber a extrema unção.

Os distintos diagnósticos e prognósticos para a saúde do religioso, estabelecidos pela comadre Brásia e pelos doutores, ignoraram a subjetividade dele que padecia por causa de amor sexual contrariado e se tornou melancólico. No *Auto dos Físicos*, Vicente enfatiza a necessidade de se observar a doença como um acontecimento social e cultural amplo: uma compreensão atualmente estudada na área da sociologia da saúde.

Referências

- CARVALHO, Maria Amélia de; PEREIRA JR., Alfredo. Nutrição e estados de humor: Da medicina chinesa antiga à neurociência. *Rev. Simbio-Logias*, v. 1, n. 1, p. 35-50, mai. 2008.
- COSTA, Adalgisa B. da. A Astrologia em Portugal no Século XVI. *Espaço Astrológico*. Disponível em: <<http://espacoastrologico.org/a-astrologia-em-portugal-no-seculo-xvi/>>. Acesso em: 5. nov. 2015.
- EYLER, Flávia Maria S. Linguagem e poder no teatro de Gil Vicente. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 49, p. 159-175, dez. 2014.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. [Obras Completas]*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12. p. 171-194.
- _____. Rascunho E: como se origina a angústia. In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 235-241. [Ed. Standard brasileira das Obras Psicológicas de Freud].
- GALENO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/C1%C3%Aludio_Galeno>. Acesso em: 5. nov. 2015.
- GEBERG, Marie; MAINE; Monique. A cozinha astrológica. *Espaço Astrológico*. Tradução de Franco de Sousa. Disponível em: <<http://espacoastrologico.org/a-cozinha-astrologica/>>. Acesso em: 5. nov. 2015.
- HIPOCRATES. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip%C3%B3crates>>. Acesso em: 5. nov. 2015.
- MAIA, João D. Gil Vicente: crítico e atual. In: _____. *Auto da Barca do Inferno. Farsa de Inês Pereira. Auto da Índia*. Estabelecimento do texto, notas e caderno biográfico de João D. Maia. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 5-11.
- MONIZ, Egas. *Os médicos no teatro vicentino*. Separata da Imprensa Médica, ano 3, n. 8, p. 1-41, 1937.
- PALLA, Maria José. Melancolia e rituais carnavalescos na “Farsa dos Físicos” de Gil Vicente. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, Edições Colibri, n. 15, p. 101-118, 2003.
- _____. O combate entre carnaval e quaresma no *Auto dos Físicos* de Gil Vicente. *Anuário de Estudos Filológicos*, v. XXVIII, p. 229-247, 2005.
- PAULA, Marcelo P. de. A Doutrina Astrológica dos Temperamentos. *Espaço Astrológico*. Disponível em: <<http://espacoastrologico.org/a-doutrina-astrologica-dos-temperamentos/>>. Acesso em: 5. nov. 2015.
- PTOLOMEU. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ptolemeu>>. Acesso em: 5. nov. 2015.

- PEREIRA, Rosalie H. de S. Avicena e o Poema da Medicina: a doutrina dos temperamentos de Galeno. Disponível em: <http://www.academia.edu/2588238/Avicena_e_o_Poema_da_Medicina_a_doutrina_dos_temperamentos_de_Galeno>. Acesso em: 5. nov. 2015.
- RODRIGUES, Isilda T.; FIOLHAIS, Carlos. O ensino da medicina na Universidade de Coimbra no século XVI. *História, Ciências e Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 435-456, abr.-jun. 2013.
- SALVADO, Maria Adelaide N. *Os quatro elementos, os astros, as doenças e o homem: A visão de Amato Lusitano*. Disponível em: <http://www.fmv-uba.org.ar/histomedicina/Voll_N1_2009/4.%20UM%20MAPA.pdf>. Acesso em: 5. nov. 2015.
- SARAIVA, António José. Prefácio. In: TEATRO DE GIL VICENTE. Apresentação e leitura de António José Saraiva. 6.ed. Lisboa: Portugália Editora, s.d. p. 7-22.
- SILVA, L. Garcia e. Gil Vicente e a dermatologia. *Acta Médica Portuguesa*, n. 6, p. 259-261, 1985.
- TEYSSIER, Paul. *Gil Vicente: O autor e a obra*. Trad. de Álvaro Salema. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e Ministério da Educação e das Universidades, 1982.
- ZIMIC, Stanislav. Los médicos del Auto dos Físicos de Gil Vicente. *Actas, Aiso* 1999; 5: 1411-1416. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/05/aiso_5_138.pdf>. Acesso em: 5. nov. 2015.
- VICENTE, Gil. Auto dos Físicos. In: GIL VICENTE. *Obras completas*. Prefácio e notas de Marques Braga. 2. ed., Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1955. V. 6, p. 97-129.

Iconografia

Fig. 1- Corpo presidido pelos signos do zodíaco, indicando a terapêutica a ser seguida. Disponível em:<<http://mujeres-trascendentales.blogspot.com.br/2012/10/relacion-de-la-anatomia-y-la-astrologia.html>>. Acesso em: 5. nov. 2015.

Submetido em: 15-01-2016

Aprovado para publicação: 19-05-2016